

A CRISTANDADE DE NIETZSCHE E O CRISTIANISMO NA ATUALIDADE

Joyce Elizete do Carmo Botelho

Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI

Licenciatura em Filosofia

14/12/12

RESUMO

Apresentaremos neste ensaio três temas para a reflexão: em primeiro lugar, discutiremos a hipótese sobre o caráter eminentemente religioso da ideologia na cristandade medieval a crítica de Frederic Nietzsche sobre o cristianismo. Em seguida, ressaltaremos o papel da “fé” como característica do cristianismo; por último o sentimento do “bem e o mal” e a sensação de prazer. cremos que entre o cristianismo e a cristandade, o “bem e o mal” e a sensação de prazer e a fé tentaram criar, por vezes, uma grande repercussão na sociedade, paralelamente uma fronteira entre ciência e religião, observando o contexto filosófico e histórico com o desígnio, sobretudo dos seus efeitos na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Cristianismo. Cristandade. Bem. Mal. Fé. Sensação de Prazer.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo possui três temas para análise, em primeiro lugar, discutiremos a hipótese sobre o caráter eminentemente religioso da ideologia na cristandade medieval a crítica de Friedrich Nietzsche sobre o cristianismo. Em seguida, ressaltaremos o papel da “fé” como característica do cristianismo; por último o sentimento do “bem e o mal” e a sensação de prazer. cremos que entre o cristianismo e a cristandade, o “bem e o mal” e a sensação de prazer e a fé tentaram criar, por vezes, uma grande repercussão na sociedade, paralelamente uma fronteira entre ciência e religião, observando o contexto filosófico e histórico com o desígnio, sobretudo dos seus efeitos na sociedade contemporânea.

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche em sua obra “O Anticristo” demonstra o seu entendimento sobre a religião cristã considerando que o cristianismo foi uma catástrofe advinda do ocidente e exportada para todo o mundo. Pois acredita que a religião cristã para conquistar, se manter no poder e dominar o mundo necessitaria pregar à miséria, a doença, a maledicência do prazer, a indeferimento da vida em galardão, uma salvação, uma redenção dos pecados sem detrimento da própria existência, da vontade de viver. Enfim, para Nietzsche a corrupção moral, filosófica e política é o cristianismo.

Na sociedade brasileira, hoje possui o direito a liberdade de expressão, que nos permite escolher nosso credo religioso, identidade cultural, vestimentas, vocabulários, entre outros. Embora, estes direitos garantidos sejam recentes. Diferentemente do “estágio de colônia portuguesa” no século XV que o Brasil sofreu, com a intolerância religiosa, cultural, de gênero, e de etnia, a escravidão, com maus tratos, genocídios em massa. E os governos ditatoriais presentes no século XX em nosso país.

O problema que apresento assim, não é a direito de liberdade do homem, no entanto a manipulação dos segmentos religiosos que reprimem os indivíduos desta liberdade, tendo como base seus dogmas, na moral e a pluri - interpretação da Bíblia. Logo, este sujeito torna-se refém de seus próprios desejos, sentimentos, sensações de prazer, experiências e satisfações.

Analisar o sentimento humano: sobre o certo ou errado? O bem e o mal? Fé ou ceticismo? Está interligada a sensação de prazer do indivíduo e ponderar os comportamentos da “sociedade atual”, através de entrevistas, documentários, materiais impressos, virtuais, atividades religiosas e culturais, próximos ou distantes devido à influência do cristianismo e seu leque de doutrinas conjecturam uma grande parte da sociedade brasileira, somada uma herança cultural e religiosa europeia, tendo como protagonistas “Deus, a Fé e a Igreja” neste cenário polêmico.

2 CRISTANDADE MEDIEVAL E A CRÍTICA DE NIETZSCHE SOBRE O CRISTIANISMO.

Apreendemos por Cristandade um princípio de afinidades da Igreja e do Estado (ou qualquer outro formato de poder político) numa determinada sociedade e cultura. Na história do cristianismo, o código iniciou-se por ocasião da Paz Eclésia em 313 e deu ascendência à primeira modalidade de Cristandade dita “constantiniana” a qual se expõe como um aparelho singular de domínio e legitimação da Igreja e do Império romano.

Os atributos gerais de Cristandade são, entre outras palavras, o cristianismo apresentar-se como uma religião de Estado, imprescindível, assim para todos os submissos; a relação privada da Igreja e do Estado dar-se num regime de aderência; a religião cristã alargar-se a revelar-se como uma religião una, dominadora em todos os ambitos; o indicador religioso cristão, estimado como o excepcionalmente oficial o ser, contudo diversamente adequado pelos contingentes sociais, pelos instruídos e ignorantes, pela clerezia e laicos.

A Cristandade medieval ocidental é, em certa medida, que prossegue da Cristandade antiga, a do “Império Cristão” dos séculos IV e V. Na totalidade medieval, acentuou-se muito mais a condição de singularidade e concessão, impetrada por uma conformidade social semelhante e

comum, acordo este beneficiado pela composição progressiva de uma ampla organização clerical. As instituições todas alongavam, pois, a oferecer uma atitude sacral e oficialmente cristã.

Esta tendia a fornecer a elucidação e alegação das relações sociais na superfície dos aspectos e alocações, e a compor o princípio dos métodos e condutas coletivos propostos a refletir estas relações sociais. A crença ainda podia veicular a restringir as incompatibilidades nas relações entre os indivíduos e a natural, superando-os símbolos, aborda-se no papel ideológico da religião.

As inclusões senhoriais e servis, principalmente a partir dos séculos X-XI, eram tão despóticas que só podiam desculpar recorrendo para uma aprovação de finalidade - social. As relações sociais surgiam no acordo dos administradores sociais como “correspondentes” e imprescindíveis. As práticas sociais eram compreendidas não como uma obrigação, mas como ações espontâneas ou como precisões morais e religiosos.

Conforme afirma Jacques Le Goff, tais alterações foram praticadas por segmentos eclesiásticos “progressistas” que surgiram no sentido do amplo progresso não espiritual e dinamismo urbano que tomou de assalto o mundo feudal entre os séculos XI e XIII. Aborda-se de novas fendas no mundo religioso, tal como os mendicantes, acessível de amar o mundo e não de abandona-lo, capazes, portanto, de abrigar-se e se penetrar na existência da mudança, conhecimentos sensíveis da abertura do tempo:

A Igreja tradicional acusa-os [os mercadores] de praticar a usura e de vender o tempo, que, também ele, só a Deus pertence. As ordens mendicantes legitimam o essencial da atividade dos universitários e dos mercadores, fazendo valer o seu trabalho que merece se remunerado. [...] O século XIII assiste ao nascimento do urbanismo e do patriotismo urbano. Os mendicantes encontram-se na primeira fila deste movimento. (LE GOFF, 2001, p. 194)

Estas alterações nos domínios do tempo apresentariam acesso pelo abrigo da Igreja medieval na constituição teológica do Purgatório: “O próprio tempo é, na crença do Purgatório, o elemento mais explicitamente suscetível de ser medido. Grande novidade, um tempo mensurável abre-se no além e pode assim ser objeto de cálculos, de avaliações, de comparações”. Deste modo LE GOFF nos diz:

A Igreja [...] teve de ceder o lugar a um tempo religiosamente neutro, ligado à vida dos negócios e do trabalho das comunidades urbana laicas – o tempo dos mercadores e das torres sineiras das comunas livres – [...]. Não se tem notado que este recuo no poder sobre o tempo terreno foi em parte compensado pela aquisição de um poder sobre o tempo dos homens para lá da sua morte: o tempo do Purgatório. (LE GOFF, 1995, p. 27)

Porque a autorização natural e a ordem social consistir em apreciações paralelas e garantidas pela ordem divina (sobrenatural), as relações sociais eram respectivamente naturalizadas e

sobrenaturalizadas. É a crença no seu emprego unificação, de harmonia social pela qual os indivíduos acham equilíbrio para a sua conjuntura atual, na espera de uma posteridade.

A crítica que NIETZSCHE faz ao Cristianismo em sua obra o “Anticristo”, onde não remete à aversão as religiões, mas, seu desapontamento com o cristianismo, independente de cursos religiosos onde o protestantismo e catolicismo diante de um “cosmovisão”. Onde o autor denomina o cristianismo de “religião da compaixão”: Vejamos a seguir a citação de NIETZSCHE:

A compaixão se opõe às paixões tônicas que elevam a intensidade do sentimento vital: ela age de maneira depressiva. Perdemos força quando nos compadecemos. A compaixão faz com que aumente e se diversifique mais ainda a perda de força que causa para ávida todo o sofrimento. A compaixão torna o próprio sofrimento contagioso; há circunstâncias em que leva a perda geral de vida e de energia vital que é totalmente desproporcional com sua causa. (NIETZSCHE, 2006, p. 23)

Para o autor, a compaixão religiosa ou cristianismo é uma ameaça às condições humanas suscitando a revelação do “nada”, contrapondo a evolução ou seleção natural, destacando a vida como elemento ambíguo, fracassado, maldito. Ao indeferimento da vida, acúmulo de enfermidades, a permanência que atravessa séculos e gerações, conferidos ao voto de cabresto ocorrido na Republica Velha no Brasil. Assim, Frederic Nietzsche comenta:

No cristianismo, nem na moral nem na religião têm qualquer ponto em comum com a realidade. Nada além de causas imaginárias (‘Deus’, ‘alma’, ‘eu’, ‘espírito’, a ‘vontade livre’ - ou até mesmo a ‘vontade do não - livre’) nada além de efeitos imaginários (‘pecado’, ‘redenção’, ‘graça’, ‘punição’, ‘remissão dos pecados’), (.....) Uma vez inventada a ideia de natureza para opô-la aquela de Deus, era necessário que a palavra “natural” fosse sinônimo de condenável - esse universo de pura ficção tem sua origem no ódio contra o natural (realidade!), é essa expressão de um profundo mal-estar diante do real. (NIETZSCHE, 2006, p. 34)

A partir deste comentário do teórico, entendemos que a “instituição cristianismo”, busca meios diversos para ameaçar, oprimir psicologicamente o ser humano do meio onde vive, busca meios de evadir da realidade pela falsidade ou mentira. A aflição, as emoções de angústia sobre aquele prazer é o ensejo dessa moral e dessa religião fictícias resultando em declínio. Observamos a noção cristã de Deus segundo o filósofo:

Deus como deus dos doentes, Deus como aranha, Deus como espírito - é uma das noções de Deus mais corruptas que jamais apareceram no mundo: representa talvez até mesmo, na evolução descendentes dos tipos de Deus, o nível mais baixo. Deus degenerado como antítese da vida, em vez de ser uma transfiguração e seu sim eterno! Em Deus a hostilidade declarada á vida, á natureza, ao querer viver! Deus, fórmula de toda calúnia do ‘aquém’, de toda mentira do ‘além’! Em Deus, o nada divinizado, a vontade do nada santificada!... (NIETZSCHE, 2006, p. 38)

Diante desta fala, compreendemos que a imaginação, as faculdades mentais dos “senhores” do cristianismo permite a deplorável figura de Deus, o soberbo, egoísta, unificado, “monótono – teísmo”, a verdadeira contradição da conjuntura, a representação de um ditador, o hibridismo de covardia, sendo justificada pela “igreja” a “obediência gera bênçãos e a desobediência gera maldição”, segundo relatos de fies de igrejas cristãs. Deste modo, as religiões cristãs não se constituem exato uma glória á sua inteligência beatificada que ao relacionarem a um fator padecedor e decrépita do declínio referente a doença do corpo e da alma.

2.1 “FÉ” COMO CARACTERÍSTICA DO CRISTIANISMO

Nesta discussão a Fé, convicção, a certeza, do crê do abstrato se torna concreto, o início, a prática de ensaio e erro: apenas se indica em convicção depois não ter sido, por um extenso período, uma convicção, e, depois disso, por um tempo ainda mais longo, árdua convicção. E os possíveis equívocos? Logo Nietzsche fala sobre a fé:

Aquele que possui sangue teológico se mantém á primeira vista ás portas abertas do falso e de uma maneira desleal com relação a verdade. O estado afetivo disso decorre se chama fé: fechar os olhos de uma vez por todas para si mesmo, a fim de não sofrer com o aspecto de sua incurável falsidade. A partir dessa ótica falsificada sobre todas as coisas, se constrói uma moral, uma virtude, uma santidade, se conecta a boa consciência á visão falsificada. ((NIETZSCHE, 2006, p. 26)

Quando o autor fala sobre os teólogos, envolve-se como ator, transmissor de toda essa falsidade disseminada no mundo, pois os mesmo possuem a “arrogância”, o poder de persuadir os seguidores em beneficio próprio, adquirindo regalias, alguns luxo, prosperidade ignorando o “voto de pobreza”, a humildade, a simplicidade, a igualdade entre os sujeitos. Configurando um ser “superior” aos demais, pois é sacerdote clerical do Cristianismo.

Este mesmo ator principal, que constrói a moral de uma sociedade, influencia os lares, forma opiniões, condena, julga, sentencia “os culpados”, pecadores, sobre bem e o mal, a verdade. Suscitando esperança de perdão, a espiritualidade, cura, libertação, prosperidade, recompensa da vida eterna através da fé.

Hoje, existem igrejas que transformaram as instituições em verdadeiras empresas, somado aos meios de comunicação de massa avanços tecnológicos veiculam os desafios aos fies através da fé. **“a fé move montanhas”**; **“sem fé é impossível agradar a Deus”**; **“a fé e a certeza que temos, mas não vemos”**. As diversas formas de induzir os seguidores a doar seus bens, e em alguns casos esta doação é integral, ou seja, o individuo doa todos os seus bens materiais. Pois assim, **“Deus lhe**

dará em dobro”. “basta ter fé”. “Tudo dará certo”! “Seus sonhos serão realizados, sua vida transformada”. “Tudo pela fé”.

2.2 “BEM E O MAL” E A SENSACÃO DE PRAZER

Segundo Nietzsche, um povo que ainda confia em si próprio tem ainda seu próprio Deus. Nele idolatram as categorias que lhe consentem apresentar o que permanece superior, seus benefícios-cogita num ser que pode ser grato por isso, o prazer que tem em si, seu sentimento de potência. Quem é abastado quer oferecer, um povo presunçoso precisa de um Deus para lhe oferecer holocaustos. O autor explica:

Não se deve embelezar nem enfeitar o cristianismo: ele travou uma guerra de morte contra esse tipo superior de homem, excomungou todos os instintos fundamentais desse tipo, tomou todos esses instintos para fazer deles um concentrado do mal, o mau: um tipo de homem forte como o tipo do réprobo, do' homem depravado' (NIETZSCHE, 2006, p. 21)

O entendimento do mal ou mau, está diretamente ligada as ações conjuntas dos líderes clericais do cristianismo, mistificando os prazeres de sua bigrafia, em atos pecaminosos, se confrontando com a concepção de “moral e os bons costumes” na sociedade e para Deus, fazendo enraizar esta concepção sobre o ser superior e supremo e o inferior. Então, seria necessário a práticas de sacrifícios ao ser supremo do cristianismo. Analisamos a citação de NIETZSCHE:

O cristianismo tomou o partido de tudo o que é fraco, baixo, fracassado, instituiu como ideal a oposição aos instintos de conservação da vida forte; viciou até mesmo a razão das naturezas mais fortes no espírito, ensinado a classificar os valores, mais elevados da intelectualidade como pecaminosos, como enganoso, como tentações. (NIETZSCHE, 2006, p. 21)

Estes valores citados por NIETZSCHE, o sentimento de “bem e o mal” ou “bom e o mau”, a moralidade social e religioso, o amparo de uma vida fortificada, e também corrompida, que esta relacionada com “Pascal, qual confiava na falsificação de sua razão pelo pecado original, quanto na realidade não encontrar-se decomposta senão por seu cristianismo”. De acordo a ideia de NIETZSCHE, (2006, p. 18) ”bom e mau”: “O que é bom? – tudo que eleva no homem o sentimento de poder e vontade de poder, o próprio poder. O que é mau? Tudo aquilo que provém da fraqueza”.

Com base nesta ideia, apreendemos que a felicidade, a sensação de prazer do indivíduo, torna-se uma obstinação que foi ultrapassada. Não a satisfação, contudo mais domínio, não a paz em si própria, entretanto a guerra; não a virtude, mas a habilidade (virtude no estilo da renascença, a virtú a equidade excetua de moralismo).

A ideia dualista de um Deus “bom e mau” do “bem em si”, suprimem as boas atributos do Deus de seus autocratas; onde eles se vingam de seus soberanos, demonizando o Deus deles. O bom Deus, assim como o diabo- ambos são frutos da decadência. Contudo, “o bom” conforme NIETZSCHE:

“bom” não está absolutamente ligado às ações “não egoístas”, como imaginam a supertição desses genealogistas da moral. Pelo contrário, é somente a ocasião de um declínio dos juízos de valor aristocráticos que toda essa oposição “egoísta e não-egoísta” se impõe de maneira crescente à consciência humana” (NIETZSCHE 2007, p. 25)

A representação do “bem e do mal”, se origem nobre e esse malvado, expelido do ódio e da insatisfação. Em uma guerra da moral da sociedade e a sua satisfação pessoal, suas realizações, sem ressentimentos, destituída deste contexto, se torna fecundo e origina valores desses mortais aos quais as verdadeiras reações, aquela da atuação, são interdita e não se satisfaz senão com uma retaliação imaginária.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos à conclusão. Os dois valores opostos “bom e mau”, como a sensação de prazer, a fé como veículo ao cristianismo e o cristianismo medieval apontada por Jacques Le Goff e o cristianismo manifesto por Friedrich Nietzsche, travam durante milhares de anos uma guerra extraordinária e ainda certamente a estimação de “mau”, seja há muito tempo principal, não falecem atualmente campos onde o duelo prossegue ilimitado.

Poder-se-ia ainda articular que cessou de se erguer e, em efeito disso, torna-se sempre mais profundo e mais espiritual, de modo que hoje não há talvez sinal mais característico de “caráter superior”, de caráter espiritual que estar em descordo na acepção que se termina de dizer e consistir em um verdadeiro palco de combate onde enfrentam estes elementos antagônicos.

O símbolo desse antagonismo, manifestado em elementos legíveis no decorrer de toda história da humanidade até hoje. Contidos nos conflitos sociais, culturais, comportamentais, religiosos, intelectuais, avanços tecnológicos, ou seja, a práxis do nosso cotidiano.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Pentecostal - Grande Versão**: Almeida Revista e Corrigida. Ed. Geral. Rio de Janeiro: [CPAD](#), 2002.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Ed. Estampa, 1995, p. 93-100. v. 2.

_____. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 5º Ed. Campinas: Editora da Unicamp. 2003.

_____. **As Ordens Mendicantes**. In: BERLIOZ, Jacques. (Org.). *Monges e Religiosos na Idade Média*. Lisboa: Terramar, 1996. p. 236-237.

_____. São Francisco de Assis. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 193-198.

_____. **O Nascimento do Purgatório**. Lisboa: Estampa, 1995, p. 272.

_____. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Estampa, 1994, p. 118.

MARCIEL, Marluse Castro. **Direitos Humanos e Cidadania**. Indaial: Ed. Grupo UNIASSELVI, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo. O Ensaio de Critica do Cristianismo**. São Paulo: Escala, 2006.

_____. **A Genealogia da Moral**. São Paulo: Escala, 2007.

RESENDE, Fernanda. Entrevista concedida pela teóloga e missionária de Igreja evangélica Quadrangular. Belém, 8 dez. 2012.

TAFNER, Elisabeth Penzlien; SILVA, Everaldo da. **Metodologia do Trabalho Acadêmico**. Indaial: Ed. Grupo UNIASSELVI, 2012.